



Possibilidades e limites do jornalismo impresso como instrumento para os estudos de história da mídia¹

Livia Fernandes de Oliveira²

Universidade Federal de Juiz de Fora – Juiz de Fora - MG

Resumo

No ano em que se comemora o bicentenário da imprensa no Brasil, o artigo objetiva identificar como os jornais impressos se constituem em um importante instrumento para a construção da história dos meios de comunicação no país. A partir das contribuições teórica de Traquina sobre a construção da notícia e de pesquisadores que reforçam a necessidade uma metodologia para a constituição da história da imprensa no Brasil, o trabalho visa observar como o jornal impresso pode ser útil no resgate da história de outras mídias, principalmente a televisiva, e quais são as possibilidades e os limites desse instrumento.

Palavras-chave:

História do jornalismo; memória; construção da notícia; representação

Em 2008, quando se comemora o bicentenário da imprensa no Brasil, estudos sobre a história da mídia têm ganhado relevância no meio acadêmico. A Rede Nacional de Pesquisadores em História da Mídia (Rede Alfredo de Carvalho - REDEALCAR) é um exemplo do esforço de profissionais que tem por objetivo preservar e construir a história da imprensa no país. A rede foi criada em 2001, e durante assembléia realizada no VI Congresso Nacional de História da Mídia (que contou com a submissão de mais de 300 artigos), constituiu-se como nova sociedade científica da área, comprovando o interesse da pesquisa em história da comunicação.

Os estudos de história midiática não se baseiam somente na mídia impressa, mas na história de outras mídias como a audiovisual, a sonora, publicitária entre outras. No congresso de história da mídia há a composição de dez grupos temáticos³. Nesse processo se resgate um importante instrumento para a construção da história dos meios de comunicação no Brasil são os jornais impressos. Esses, em sua maioria, constituem-se em documento de acesso mais fácil aos pesquisadores, uma vez que em grande parte

¹ Trabalho apresentado no NP Jornalismo do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação da UFJF, linha Comunicação e Identidades. Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Identidade e Cidadania (CNPq). E-mail: liviafoli@yahoo.com.br.

³ Os Grupos temáticos de História da Mídia são: História do Jornalismo; História da Publicidade e da Propaganda; História das Relações Públicas; História da Mídia Impressa; História da Mídia Sonora; História da Mídia Visual; História da Mídia Audiovisual; História da Mídia Digital; História da Mídia Alternativa; História da Midiologia



estão disponíveis em acervos públicos como bibliotecas ou museus. Mas, como o jornal impresso pode ser útil no resgate da história de outras mídias, além da impressa? Quais são as possibilidades e os limites desse instrumento?

Antes de responder a estas questões se torna importante realizar considerações para compreender porque os estudos memoráveis têm ganhado relevância na contemporaneidade.

O boom da memória

De acordo com Marialva Barbosa (2005), vivemos em uma época de cultura da memória, em que há uma multiplicação de práticas voltadas para o passado. Alguns dos exemplos dessa cultura são as políticas voltadas para a recuperação de centros urbanos, a moda retrô, o sucesso comercial de narrativas memorialistas, a multiplicação dos espaços de comemoração, o crescimento da produção/ veiculação de documentários no cinema e na televisão. Na visão da autora o desenvolvimento das novas tecnologias possibilitou o que esta denomina de “ânsia do arquivamento”, é a obsessão por constituir arquivos sem limitações, possível pelo desenvolvimento da informática.

Ainda de acordo com Barbosa, a busca pelo resgate da memória e pelo arquivamento está relacionada à amplitude das mudanças no mundo contemporâneo. A autora recorre a Pierre Nora, para quem as constantes mudanças fazem com que o presente se torne cada vez mais volátil. Como consequência haveria a homogeneização do homem, alimentada pela criação de “santuários de memória”. Nesses há a construção de signos de reconhecimento e pertencimento para que os indivíduos se sintam pertencentes a um mesmo grupo. A constituição de um passado sólido, em comum, se torna um espaço seguro para o sujeito em meio a tantas transformações no mundo.

A compreensão da memória como um espaço de compensação da aceleração do tempo também é defendida pelo francês Joel Candéau, conforme afirma Barbosa. Para o autor diante da crise de identidades, a memória se torna um lugar de nutrição desta.

Considerando que a memória funciona como uma espécie de lugar de nutrição da identidade, Candéau argumenta que é através da memória que as identidades coletivas são fundadas. Nas estratégias identitárias, os indivíduos operam escolhas no interior de um repertório: representações, mitos históricos, crenças, ritos, heranças, tudo isso no interior de um registro memorial. Sendo assim, a memória é cada vez mais necessária num mundo em profunda mutação. As mudanças sociais aceleradas e as identidades cambiantes resultam numa sensação de insegurança e angústia. E, nesse contexto, a memória



passa a ser crucial, porque permite atribuir sentidos à realidade em meio à dispersão e à pluralidade. (BARBOSA, 2005, p. 4)

Andreas Huyssen (2000) ao discorrer sobre o *boom* da memória afirma que há uma recodificação do passado, pelo que o autor chama de musealização do mundo. A contemporaneidade é marcada por uma crescente e bem-sucedida comercialização da memória, sobretudo na indústria cultural do ocidente.

Para Huyssen há também um variado uso político na disseminação cultural da memória, que vai desde a mobilização de um passado mítico para apoiar certas políticas, até tentativas como as observáveis na Argentina e Chile, que visam criar esferas públicas da memória “real” contra as políticas do esquecimento da ditadura.

Para o autor a obsessão pela memória em nossa cultura secular está tomada por um medo do esquecimento. A tentativa de combater este medo é realizada por estratégias de sobrevivência de rememoração pública e privada. O enfoque sobre a memória é alimentado pelo desejo de encontrar âncoras em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido.

Ao se falar em memória pessoal, geracional ou pública é necessário considerar a enorme influência das novas tecnologias da mídia. A memória, sobretudo as coletivas são construídas também pela espetacularização midiática. Huyssen mostra como exemplo desta influência da mídia a memória construída sobre o Holocausto por meio dos mais variados vídeos, fotografias, museus, filmes, documentários, ficção e sites na internet.

De acordo com Huyssen, o desejo atual de privilegiar o passado passa por uma lenta, mas perceptível transformação da temporalidade, provocada pela complexa interseção de mudança tecnológica, pelo desenvolvimento da mídia de massa e pelo surgimento de novos padrões de consumo e trabalho.

A minha hipótese é que, também nesta proeminência da mnemo-história, precisa-se da memória e da musealização, juntas, para construir uma proteção contra a obsolescência e o desaparecimento, para combater a nossa profunda ansiedade com a velocidade de mudança e o contínuo encolhimento do tempo e do espaço. (HUYSSSEN, 2000, p.28)

No entanto para Huyssen, a memória não exerce somente um papel compensatório. Pois a indústria cultural da memória desestabiliza qualquer senso seguro do passado ao bombardeá-lo pelas mais variadas imagens, espetáculos e eventos. É preciso levar em consideração que o espaço e o tempo estão sendo submetidos a novos



tipos de pressão. Para o autor a busca excessiva de um passado é a tentativa de garantir uma continuidade do tempo e de encontrar novos espaços.

Trata-se mais da tentativa, na medida em que encaramos o próprio processo real de compressão do espaço-tempo, de garantir alguma continuidade dentro do tempo, para propiciar alguma extensão do espaço vivido dentro do qual possamos respirar e nos mover. (HUYSSSEN, 2000, p.30)

Assim como na sociedade a construção de uma memória é um conforto frente às aceleradas transformações do mundo, a constituição de um passado dos meios de comunicação se torna um espaço de refúgio diante das constantes transformações que a imprensa passa com o desenvolvimento das novas tecnologias.

Como Candeau afirma, a memória pode atuar como alimentadora de identidade, de modo que o resgate da história da mídia no Brasil pode contribuir para a construção de uma identidade da imprensa no país. Para Traquina (2004) o estudo histórico da imprensa ajuda a compreender como surgiu o *ethos* do jornalismo, isto é, uma identidade profissional que define o que é jornalista ou estar no jornalismo, que pode ser neste caso também visto como o *ethos* da imprensa.

De acordo com Traquina, a imprensa desenvolveu ao longo de sua história uma vasta cultura rica em valores, símbolos e cultos que ganharam uma dimensão, denominada pelo autor como mitológica. Essa cultura envolveria não somente entre os jornalistas, mas também para os que não são profissionais da área, mas se relacionam com o Jornalismo.

Traquina explica a teoria democrática como aquela na qual entende-se que o jornalismo preenche certas funções na sociedade da democracia, este desempenharia papéis sociais bem definidos. Nessa teoria a imprensa deve ser vista como um veículo de informação para equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício de seus direitos e voz na expressão de suas preocupações. Fiel a essa perspectiva o jornalismo é visto e defendido como guardião dos cidadãos, um vigilante ativo para garantir a liberdade e a própria democracia.

Segundo Traquina está presente em uma parcela expressiva da sociedade a crença de que a imprensa é dotada de valores como a liberdade, a verdade, a honestidade e a objetividade, esse último valor uma noção associada à própria atuação profissional.



O jornalismo está associado a uma noção de equidistância entre o profissional do campo jornalístico e os diversos agentes sociais, atuando com justiça, ouvindo as diversas perspectivas, mantendo a sua independência. ... A objetividade, ou uma outra designação de uma noção de equilíbrio (*balance*), está associada pela esmagadora maioria dos cidadãos ao papel do jornalista, e é consagrada nas leis que estabelecem as balizas do comportamento dos profissionais, em particular os que trabalham nas empresas de comunicação social do setor público...Está no centro de toda uma mitologia que representa os jornalistas em diversas narrativas que ocupam um papel central na cultura profissional. (TRAQUINA, 2004, p. 143)

Esse *ethos* do jornalismo foi construído na sociedade ao longo dos anos, para Traquina principalmente nos últimos 150 anos, desde quando a imprensa passou a fornecer informações no lugar de opiniões. Dessa forma defende-se que o estudo da história da imprensa no Brasil pode auxiliar na compreensão e legitimação dos papéis que a mídia desempenha na sociedade.

A pesquisa em história da mídia além de preservar a memória pode contribuir para o exercício pleno da cidadania. De acordo com José Marques de Melo, a constituição da Rede Alfredo de Carvalho tinha como proposta converter o século XXI no século da imprensa brasileira.⁴ Melo acredita que uma mídia desenvolvida e fortalecida contribui para a instrução dos sujeitos. Para o autor “o processo civilizatório ancora-se na capacidade de abstração intelectual dos componentes de qualquer sociedade humana”.

Hoje, pode-se observar diversos projetos que visam resgatar e preservar a história da mídia no país. Além da constituição da REDEALCAR, há publicação de livros sobre o tema, tanto no campo da comunicação quanto no da História; há também projetos das próprias organizações que visam preservar sua memória, um exemplo é o Memória Globo, que dispõe de um amplo acervo de informações, que já produziu produtos a serem comercializados sobre a história da TV⁵ e agora tornou disponível pela internet grande parte da pesquisa de memória da TV (www.memoria.globo.com.br). Há também fundações que visam resgatar a história da imprensa como a Fundação Assis Chateaubriand que produziu publicações com informações e dados sobre o pioneiro da televisão no país; outra linha de projetos envolve a constituição e manutenção de

⁴ Texto disponível em <http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br>. (Acessado em 11 de junho de 2008).

⁵ Entre esses produtos estão os livros Almanaque da TV Globo e Entre tramas, rendas e fuxicos – o figurino na teledramaturgia da TV Globo.



museus como o Museu da Imagem e do Som (no Rio de Janeiro e São Paulo), e o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, no Rio Grande do Sul.

A Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro também possui um grande acervo de periódicos e revistas que foram microfilmados, a partir do Plano Nacional de Microfilmagem dos Periódicos Brasileiros. A microfilmagem dos periódicos permite um maior acesso do material aos pesquisadores. E este material auxilia não só na construção da história da mídia impressa, como pode ser um importante instrumento para resgatar a história de outras mídias, principalmente a televisiva.

Entre os exemplos de trabalhos que se utilizaram dos jornais impressos para recontar a história de outras mídias é o livro “Em Instantes: notas sobre a programação da TV brasileira (1965-1995)”, organizado por Sandra Reimão (1997). A obra busca categorizar os traços dominantes na programação da televisão brasileira no horário nobre e registrar/ refletir sobre as alterações de grade ocorridas entre os anos de 1965 e 1995. O trabalho enfoca categorias e gêneros dos programas veiculados na TV a partir dos dados coletados do jornal “O Estado de São Paulo”. O jornal foi um instrumento utilizado por publicar regularmente a grade de programação da televisão.

Outro exemplo de utilização do jornalismo impresso como fonte para contar a história da televisão é o trabalho de Sérgio Mattos em “A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)”. Neste livro Mattos faz uso de jornais impressos e revistas semanais como referências para auxiliar a compreensão da repercussão de decretos do Governo sobre o funcionamento da televisão, além de incluir no universo de investigação matérias que tratavam de programas de TV.

Esses exemplos são uma mostra de que os jornais impressos podem ser úteis na construção da história de outras mídias, sobretudo, da televisão. O trabalho organizado por Reimão demonstrou que mesmo sem o acesso as emissões televisivas é possível fazer um levantamento da programação da TV. O trabalho de Mattos demonstra que o jornalismo impresso também é um espaço em que outras mídias são discutidas.

Mas quais são as possibilidades e os limites do jornalismo impresso na construção de uma história de outros meios de comunicação? Quais são os cuidados que os pesquisadores devem levar em consideração?

Possibilidade e limites do jornalismo impresso

Em todo o país há emissões televisivas e sonoras não recuperáveis. Muito da história da mídia brasileira não foi preservada, pois nem sempre houve a preocupação com o arquivamento. Conforme se pôde observar o *boom* da memória foi ressaltado na atualidade. Principalmente em cidades do interior, muito da história da imprensa/ mídia não foi conservada, se perdeu.

Assim, os jornais impressos podem ser um instrumento relevante para a construção da história da mídia. A partir dos registros dos impressos o pesquisador pode encontrar a grade de programação dos veículos da época, pode trazer detalhes da instalação e repercussão dessas mídias na sociedade.

Os registros jornalísticos são vestígios, traços do passado que podem auxiliar na construção e preservação de uma memória da imprensa. Neles podem-se encontrar fatos e comportamentos significativos de determinada sociedade.

Marialva Barbosa (2007) em seu livro *História Cultural da Imprensa*, que analisa os cem anos da imprensa durante todo o século XX, afirma que o passado é algo não recuperável, tal como se deu. Isso porque cada época está imersa num grau de consciência histórica que foi sendo construído pelos sujeitos que “vivem sua própria história”. Os pesquisadores podem erroneamente acreditar que os fatos do passado ocorreram daquela forma e que fazer história é trazer o passado de volta para o presente. Mas para a autora, o passado está irremediavelmente perdido nele mesmo e o que se faz nos processos e “resgate” nada mais é que produzir interpretações, na atualidade, sobre os vestígios deste passado.

As interpretações se dão a partir dos sinais (vestígios) que chegam até o presente. É preciso tentar compreender a mensagem produzida no passado dentro de suas próprias teias de significação. São estes vestígios, que aparecem como documentos e como atos memoráveis que permitem reconstruir a história da imprensa e conseqüentemente é possível identificar fatores culturais e sociais que ainda estão presentes na sociedade.

Nos jornais impressos os pesquisadores podem encontrar esses vestígios sobre determinada época e imprensa. No caso do estudo da história da televisão, ou de uma emissora de TV, no jornal o pesquisador pode encontrar sinais de quem foram os profissionais que trabalharam na emissora, qual era a programação, detalhes sobre a



instalação e repercussões dos programas na sociedade, entre outros. Os jornais impressos se tornam desta forma instrumentos relevantes para a construção de uma história da mídia.

No entanto, os pesquisadores devem estar cientes de que há limites no uso dos impressos na pesquisa histórica dos meios. Os profissionais devem levar em consideração que o jornalismo não é capaz de reproduzir a realidade. Conforme Traquina (2004), as notícias são constituições e não reflexo da realidade. O autor aponta três motivos para explicar porque o jornalismo não pode ser encarado como um espelho do mundo real.

O primeiro motivo é que as notícias ajudam a construir a própria realidade ao colocar em pauta certos acontecimentos; o segundo é que a linguagem utilizada na construção das notícias nunca será neutra, a linguagem não consegue funcionar como uma transmissora direta do significado inerente dos acontecimentos como crêem os que visualizam o jornalismo como espelho da realidade; o terceiro motivo apresentado é que os meios de comunicação estruturam como será a representação dos acontecimentos, a partir de aspectos organizativos do trabalho jornalístico, o que envolve desde limitações orçamentais e à imprevisibilidade dos acontecimentos.

As teorias que consideram as notícias como construções, como a teoria estruturalista e interacionista, não defendem que estas sejam ficcionais, antes são convencionais, de acordo com Traquina. “A notícia é uma realidade construída possuidora de sua própria validade interna”. (2004, p. 170). As notícias são resultados de processos complexos de interação entre diversos agentes sociais: entre os jornalistas e suas fontes, os jornalistas e a sociedade, os jornalistas e outros profissionais de trabalho.

As notícias são narrativas, estórias, construídas com traços da cultura dos jornalistas e da sociedade na qual estes estão inseridos. O jornalista ao construir sua notícia precisa ativar todo um “saber de narração”, que pressupõe a aprendizagem jornalística e o domínio de todo um inventário do discurso. As notícias são construídas a partir de regras culturais. Traquina recorre a Hall ao dizer que os jornalistas utilizam “mapas de significados”, a base de conhecimento cultural no qual o mundo social já está traçado.

De acordo com Traquina, no paradigma construtivista as notícias embora sejam “índices do real”, elas registram as formas literárias e as narrativas utilizadas para enquadrar o acontecimento. Esse enquadramento passa pela necessidade de construir a

pirâmide invertida, de selecionar, excluir e acentuar diferentes aspectos do acontecimento. É a partir desse enquadramento que os jornalistas constroem a realidade. No entanto, o autor lembra que a escolha do que será notícia não é totalmente livre, passa pela percepção do jornalista sobre o que é real.

Como escreve Robert Karl Manoff (1986), a escolha da narrativa feita pelo jornalista não é inteiramente livre. Essa escolha é orientada pela aparência que a “realidade” assume para o jornalista, pelas convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas. Segundo Wolfsfeld(1991:18), os acontecimentos propriamente ditos oferecem frequentemente um ponto de partida para a construção de enquadramentos mediáticos, apesar das discordâncias acerca do que “realmente” aconteceu. (TRAQUINA, 2004, p. 174)

Traquina afirma que para a teoria construtivista estruturalista as notícias são um produto social resultante de fatores como a organização burocrática dos meios de comunicação, dos valores-notícia, que constituem o elemento fundamental para socialização, e o próprio momento da construção da notícia que envolve um processo de identificação e contextualização em que os “mapas culturais” do mundo são utilizados na organização. Para estes teóricos as notícias exercem um papel de construção de um consenso na sociedade. Os mapas de significação incorporam e refletem valores comuns, formam a base dos conhecimentos culturais e são ativados para tornar um acontecimento inteligível a população.

Na teoria interacionista os acontecimentos são considerados como um imenso universo de matérias-primas. As notícias são resultados de um processo de percepção, seleção e transformação desta matéria-prima em um produto digno de adquirir existência pública. Os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo e tentam impor ordem no espaço e no tempo. A produção das notícias é um processo interativo no qual diversos agentes sociais exercem um papel ativo em um procedimento de negociação constante. A rotinização do trabalho dos jornalistas e o fator tempo levam à dependência de fontes oficiais. Isso acaba por fazer que os jornais não sejam um espaço de todos, e transforma o acesso aos media em uma questão de poder.

As teorias sistematizadas por Traquina auxiliam o pesquisador a compreender que ao trabalhar com o jornalismo impresso, deve estar ciente de que os jornais não são apenas reflexos da realidade de uma época. Antes, são construções feitas a partir de seleções e enquadramentos dos jornalistas; devem ser considerados como indícios, vestígios, conforme afirma Marialva Barbosa.



Sandra Reimão ao utilizar-se da programação televisiva publicada no jornal o Estado de São Paulo como fonte de pesquisa, mostrou-se ciente das limitações desta em seu trabalho. Ela afirma que a utilização do jornal impresso trouxe também limitações: não foi possível verificar a programação efetivamente posta no ar, mas a que foi anunciada no jornal; não foi descontado o tempo gasto em publicidade; e, ao utilizar-se de um jornal paulistano, os dados coletados dizem respeito à programação televisiva na cidade de São Paulo.

Sônia Virgínia Moreira (2005) alerta que a análise documental feita a partir de jornais fica restrita aos limites das informações coletadas originalmente. A autora recorre a Wimmer e Dominick (1987), que afirmam que os investigadores podem enfrentar problemas como dados imprecisos, com falhas de coleta, e também incompletos.

A utilização do jornal impresso como instrumento para a construção de uma história da mídia pode ser bem sucedida se forem seguidas algumas orientações propostas por estudiosos da área.

Metodologia na análise dos jornais impressos

A Rede Alfredo de Carvalho trabalha a imprensa como fonte documental (na medida em que expressa discursos e expressões de protagonistas) e também como agente histórico que intervém nos processos e episódios. O pesquisador que pretende trabalhar com fontes impressa deve levar em consideração a contextualização.

Marcos Morel e Marialva Barbosa afirmam que o estudo baseado em determinado periódico deve levar em conta a cidade na qual o veículo estava inserido, as relações sociais e culturais determinantes nesta localidade no período de circulação. É importante também perceber a dinâmica do veículo em relação a uma dinâmica social mais ampla. Na visão dos autores o estudo deve trabalhar com períodos e veículos de comunicação impressos num dado espaço cultural.

Marialva Barbosa (2007) propõe a construção de uma história cultural da imprensa. Para ela a história da imprensa não pode ser estudada somente pelo viés do desenvolvimento tecnológico, ou como resultante de um processo político ou econômico. O estudo da imprensa deve investigar não só dos meios externos aos métodos de produção, mas também aspectos internos. O olhar sobre a imprensa deve visualizá-la como integrante de um processo comunicacional, cuja importância está no conteúdo, na produção e na recepção das mensagens impressas; e na dimensão histórica

na qual os meios de comunicação se desenvolveram e com que se localizam na sociedade.

De acordo com Barbosa, se pode falar em história cultural da imprensa, porque a história se constitui a partir da interpretação dos indivíduos dos movimentos marcantes da imprensa. A história é concebida a partir das perguntas subjetivas e do olhar, igualmente subjetivo do pesquisador que se pode lançar sobre o passado. Para a autora a compreensão da história não está no passado, mas na interpretação dos movimentos, dos vestígios do passado. “Construir a história é perceber a história como um processo complexo, no qual estão engendradas relações sociais, culturais, falas e não ditos” (2007, p.15).

Barbosa acredita que ao lançar o olhar sobre o passado o pesquisador pode levantar questões fundamentais para o presente, que remetem para a importância da sociedade midiaticizada contemporânea. Para ela o estudo da história cultural da imprensa permite interpretar os múltiplos percursos da imprensa que influenciaram e ainda influenciam a construção da identidade de uma sociedade.

Sônia Moreira (2005) qualifica o trabalho que tem como fonte os jornais e outros materiais impressos como de análise documental. Para esta análise, a disposição dos documentos e a legibilidade das referências são elementos que interferem no processo da coleta de dados e que, de alguma forma, afetam mais tarde a análise crítica do material documental.

De acordo com Moreira, a pesquisa não pode ser somente baseada nos dados coletados a partir do objeto de pesquisa, mas faz-se necessária uma apuração paralela e simultânea de informações que complementem os dados coletados. De forma que o pesquisador pode procurar outras fontes documentais, como cartas, documentos, outros impressos, decretos governamentais, e também trabalhar com história oral, ou história de vida, para checar e completar os dados coletados nos impressos. Outro instrumento para complementação e contextualização dos dados a serviço do pesquisador é a pesquisa virtual.

Moreira acredita que diante dos jornais o pesquisador deve processar a leitura segundo critérios da análise de conteúdo, comportando algumas técnicas, tais como fichamento, levantamento quantitativo e qualitativo de termos e assuntos recorrentes, criação de códigos para facilitar o controle e o manuseio do material.

Para auxiliar o trabalho dos pesquisadores na Rede Alfredo de Carvalho foi criada uma ficha modelo a ser preenchida quando o profissional for trabalhar com



materiais impressos. A ficha⁶ traz campos a serem preenchidos como dados gerais do periódico, como nome, período de publicação; aspectos gráficos, como formatos, cadernos e número de páginas; localização; periodicidade; tiragem; aspectos editoriais gerais, como principais editoriais, se publica fotos, tipologia dos textos; aspectos da primeira página; quem são os jornalistas que trabalham no periódico.

Apesar dos avanços na pesquisa em história da mídia, ainda é há um longo caminho a ser percorrido. Ana Paula Goulart em palestra proferida no VI Congresso de História da Mídia, em maio de 2008, avaliou que apesar do aumento do número de trabalhos de história da comunicação, não houve um aprofundamento reflexivo; as discussões teóricas e metodológicas do estudo histórico da mídia ainda são escassas. Goulart salientou assim a necessidade de estudos fazerem sistematizações via análises comparativas, levar em consideração os processos comunicativos, as dimensões externas e internas da produção midiática. Os estudiosos devem problematizar o objeto, deixar claro a escolha metodológica, realizar diferentes recortes e abordagens e ainda ter uma perspectiva interdisciplinar.

No projeto Memória Globo, do qual Goulart é coordenadora, os jornais impressos são fontes relevantes para a construção da memória da TV Globo. Os impressos, além de documentos oficiais e de depoimentos de profissionais que trabalharam na TV, foram instrumentos importantes para a consolidação do projeto. Atualmente, especialmente após a inserção de sua página para acesso via web, o Memória Globo pode se constituir em auxílio para os pesquisadores contextualizarem a atuação da TV em momentos histórico-culturais do país.

Jornais impressos e história da TV Local

Os jornais impressos também serão instrumentos relevantes para a construção de uma memória audiovisual em Juiz de Fora (MG). Na cidade funcionou no início dos anos 1960 a TV Mariano Procópio. A emissora operava com emissões esporádicas, sem concessão, e era uma afiliada do Grupo dos Associados de Assis Chateaubriand, que possuía na cidade dois jornais (o “Diário Mercantil” e o “Diário da Tarde”), e uma estação de rádio (“Rádio Sociedade”). Como as emissões audiovisuais da época são

⁶ A ficha está disponível em <http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/metodo.htm> (acessado em 11/06/2008).



irrecuperáveis, os impressos serão fontes em busca de vestígios deste importante capítulo da história televisiva juizforana.

O resgate e a compreensão de quais são as características particulares da história da televisão em Juiz de Fora pode ser relevante para o estudo da história da mídia no interior do país, uma vez que a cidade foi considerada o primeiro município de interior da América Latina a ter uma emissora geradora de sinal televisivo⁷. Em geral, essa história começa a ser contada a partir do surgimento da TV Industrial, em 1964. No entanto, a descoberta do funcionamento da TV Mariano Procópio com emissões televisivas, anteriores as da TV Industrial, reforça a narrativa de pioneirismo do município.

De acordo com Christina Musse (2006), Juiz de Fora construiu sua identidade a partir da diferença em relação aos outros municípios do estado. A cidade não se reconhece no conservadorismo presente na narrativa típica de mineiridade; um “mito desenvolvimentista” marcaria a construção narrativa de Juiz de Fora como uma cidade moderna e pioneira.

A análise documental a partir dos impressos da época da cidade, principalmente do Diário Mercantil, que pertencia ao grupo dos Diários Associados, busca auxiliar a compreensão de como o jornalismo se torna enunciador de construções identitárias. No caso da identidade juizforana, que por sua história teve um discurso marcado pelo pioneirismo, procura-se observar como esta representação é reforçada com os discursos sobre a implantação da TV Mariano Procópio na cidade.

As interpretações dos discursos produzidos pelo Diário Mercantil sobre a TV Mariano Procópio juntamente com a apuração da história oral com personagens que participaram da implantação da TV, além da busca de outros documentos da época, serão instrumentos importantes para construir uma memória do início da televisão em Juiz de Fora.

Assim, a análise dos jornais impressos pode ser eficaz ao auxiliar a contextualização dos fatos, situações e momentos. Pode ajudar o pesquisador a introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a natureza original dos impressos, e de seu processo de produção. O pesquisador que estiver ciente

⁷ Sobre esse pioneirismo, seção realizada no NP de Jornalismo, durante o XXX Intercom, em Santos, levantou polêmica. Contudo, o registro Mattos (2000), obra de referência na História da TV no Brasil, permite a manutenção desse status.



das possibilidades e limites dos impressos poderá conseguir realizar um bom trabalho e ajudar a construir e preservar a memória da imprensa no Brasil.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Marialva. **Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

_____. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900 – 2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, Universidade Cândido Mendes, Museu de Arte Moderna-RJ, 2000.

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)**. Salvador: Editora PAS-Edições Ianamá, 2000.

MELO, José Marques. **O pragmatismo utópico da Rede Alfredo de Carvalho**. Disponível em <http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br>. (Acessado em 11 de junho de 2008).

MOREIRA, Sandra Virgínia. **Análise documental como método e técnica**. In: Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação / Jorge Duarte e Antônio Barros (org). São Paulo: Atlas, 2005

MOREL, Marcos e BARBOSA, Marialva. **História da imprensa no Brasil**. Disponível em <http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br>. (Acessado em 11 de junho de 2008).

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

REIMÃO, Sandra (org). **Em instantes: notas sobre a programação na tv brasileira (1965-1995)**. São Paulo: Cabral Editora Universitária, 1997.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo - Volume I** Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.